



2º SARGENTO JÉSSICA GONÇALVES PINHEIRO



Primeira mulher a concluir o Curso de Monitor de Educação Física no Exército Brasileiro


“Para mim foi uma questão de superação, pois fazer o curso com 34 homens, sem nenhuma mulher como referência, e sabendo que eu abriria portas para outras mulheres foi uma honra, mas também uma responsabilidade muito grande”

Buscando fazer frente aos novos desafios e preparar-se para futuras missões, a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) realizou, no ano de 2015, estudos para que o Curso de Monitor de Educação Física (CM) contasse com a presença de representantes do sexo feminino. Tal estudo teve por objetivo antever as novas necessidades geradas a partir da inserção do sexo feminino na linha militar bélica nas escolas de formação.

A elevada carga de atividades, principalmente as práticas, que se iniciam desde os testes de admissão e se prolongam por todo curso nas avaliações formativas, fez crescer a importância da realização de estudos para a adequação das tabelas de avaliação, sem comprometer o princípio de equidade de gênero, dentro de suas diferenças.

Neste intuito, o Conselho de Ensino da EsEFEx, conduzido e orientado por seu comandante e em parceria com o Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército, buscou encontrar uma representante do sexo feminino que apresentasse as condições físicas e disciplinares necessárias para tal projeto. Por atender os pré-requisitos já elencados e por já integrar o corpo permanente da EsEFEx, a então 3º Sargento **Jéssica Gonçalves Pinheiro** foi selecionada.

Durante a realização do curso de Monitor, a 2º Sargento **Jéssica** provou, por meio de seu desempenho, que os critérios que levaram à sua escolha foram uma decisão acertada, pois possibilitaram que a militar lograsse êxito em todas as atividades práticas do curso. Seus resultados ajudaram, também, a ratificar as tabelas de avaliação inicialmente propostas.

O profissionalismo e a dedicação demonstrados pela militar durante o curso foram determinantes para que a participação do sexo feminino no Curso de Monitor da EsEFEx fosse hoje uma realidade. Atualmente, a Escola permanece em estudos para a inserção cada vez maior do segmento feminino. Neste ano de 2017, o Curso de Monitor conta com a participação de outras duas sargentos, enquanto **Jéssica** permanece aplicando os conhecimentos adquiridos, exercendo a função de monitora dos Cursos de Instrutor e de Monitor de Educação Física. 

HISTÓRIAS DE DEDICAÇÃO DE DUAS MÉDICAS MILITARES



TENENTE-CORONEL MÉDICA YAMAR EIRAS BAPTISTA

Em 1980, a Primeira-Ministra do Reino Unido, **Margaret Thatcher**, disse: *“Eu tenho a habilidade feminina de insistir em um trabalho e continuar com ele quando todos já desistiram e foram embora”*.

Essas poderiam ser as palavras de todas as militares do Exército Brasileiro, inclusive da Tenente-Coronel Médica **Yamar Eiras Baptista**, que no fim dos anos setenta, aos onze anos de idade, ouviu do pai, Coronel R/1 de Infantaria, que as mulheres não podiam ser militares. Realmente, naquela época, as mulheres ainda não tinham seu ingresso permitido nas Forças Armadas Brasileiras.

Diante da negação de sua vocação e pela influência de sua tia materna, a Doutora **Nize Magalhães da Silveira**, **Yamar** seguiu a carreira de medicina. Acreditava que, como médica, poderia, de alguma forma, ser útil à atividade militar, graduando-se na Faculdade de Medicina de Vassouras (RJ), em 12 de junho de 1991. Posteriormente, especializou-se em Medicina Física e de Reabilitação.

Em 1996, apesar de estar decidida a ser militar, após a inclusão do segmento feminino

no Serviço de Saúde do Exército, teve de adiar mais uma vez seu ingresso na Força Terrestre, pois existia a preocupação paterna quanto à adaptação das mulheres aos rigores da vida castrense. Essa resistência teria que ser vencida aos poucos. Optou, então, por ingressar como militar temporária, cumprindo, inicialmente, um período probatório.

Passado esse tempo, concluiu o Curso de Formação de Oficiais da Escola de Saúde do Exército, no posto de Primeiro-Tenente Médica, em novembro de 1998. Durante a formatura de conclusão do Curso de Oficiais, recebeu das mãos de seu pai a mesma espada de Oficial usada por ele, ouvindo as seguintes palavras: *“É impossível impedir um rio de encontrar o seu mar. Siga seu destino.”*

Ela seguiu! Serviu em Organizações Militares de Saúde, Tropa, Ensino e Diretoria.

No ano de 2007, integrou o efetivo militar brasileiro na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), na região de Porto Príncipe. Lá, atuou como médica de uma das Companhias de Fuzileiros do Batalhão Brasileiro no Haiti, o BRABAT 7, participando de



todas as atividades operacionais.

Na sequência de sua carreira, foi instrutora da Escola de Saúde do Exército (EsSEx) de onde solicitou transferência para a Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) a fim de realizar seu grande sonho: tornar-se paraquedista militar. Esse sonho nasceu na infância, ao presenciar uma simulação de assalto aeroterrestre. A imagem dos militares e de seus paraquedas inflados, saindo pela rampa de uma aeronave militar Búfalo(C-115) – vulgo “carregador de piano” – armados, equipados e com os “boots marrons” é, até hoje, uma de suas maiores fontes de inspiração, o farol que mostra sempre a direção a seguir: o caminho da porta rumo à ação!

A então Capitão **Yamar** logrou ser a paraquedista militar número 77.767, no turno 2010/1. No tempo em que serviu na Bda Inf Pqdt, atuou junto à tropa aeroterrestre como médica da aviação nos saltos de grande altitude; como Chefe da Formação Sanitária do Centro de Instrução Paraquedista; e como médica da equipe de resgate e Comandante do Destacamento de Saúde Paraquedista (Dst Sau Pqdt).

Em 2011, a Major **Yamar** assumiu o Comando do Dst Sau Pqdt, sendo a primeira mulher a exercer tal função no EB. Seu pai, infelizmente, faleceria poucos dias antes da sua assunção de comando. Esse fato, no entanto, não o impediu de legar um último ensinamento à filha militar: “*As palavras convencem, mas os exemplos arrastam.*”



Recepção ao Gen Bda Escoto, Cmt da Bda Inf Pqdt, em inspeção ao Dst Sau Pqdt.

Você deve decidir que tipo de líder quer ser!”

O dito paterno a levaria a assumir, em 2015, o comando do Hospital de Campanha, a única Organização Militar de Saúde (OMS) do EB, valor Unidade, voltada exclusivamente para a atividade operacional. Durante os dois anos em que esteve à frente desse hospital singular – herdeiro do 1º Batalhão de Saúde da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial – planejou sua atividade e desdobrou suas instalações de saúde de campanha inúmeras vezes, entre as quais: a Manobra Escolar da Academia Militar das Agulhas Negras, o Exercício de Resposta à Emergência Nuclear de Angra dos Reis/RJ e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos/RIO 2016.

Em sua carreira, também realizou os cursos de Medicina da Aviação, de Direito Internacional dos Conflitos Armados, de Mestre de Salto e de Comando e Estado-Maior.

Atualmente, a Tenente-Coronel **Yamar** serve na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Brasileiro e prepara-se para atuar como militar de estado-maior em uma das Missões de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU).





TENENTE-CORONEL MÉDICA CARLA MARIA CLAUSI

Desde a infância, os assuntos militares sempre estiveram muito presentes na vida da Tenente-Coronel Médica **Carla Maria Clausi**. Seu avô paterno, **Francesco Clausi**, era italiano e lutou na 1ª Guerra Mundial como tenente; era *bersagliere* (Unidade de Infantaria do Exército Real Italiano) e recebeu a medalha de prata por bravura em combate. Do lado materno, seu tio-avô, o também Tenente **Thomaz Walter Iwersen**, foi o primeiro combatente sul-americano a desembarcar na Itália, em 16 de julho de 1944, na 2ª Guerra Mundial, e sua fotografia ficou famosa por esse fato. Foi oficial de reconhecimento e observador avançado na 3ª Bateria do 2º Grupo de Artilharia, nas batalhas de Montese e Monte Castelo. Também recebeu várias medalhas, dentre elas as de Campanha: **Mascarenhas de Moraes** e **Tenente Max Wolff Filho**. Até o fim de seus dias, esteve à frente do Museu do Expedicionário de Curitiba, que orgulhosamente presidiu e cuidou por vários anos.

Eram todas pessoas de postura, de grande caráter, que suscitavam admiração e respeito. Além disso, seu pai, médico, Doutor **Roberto Mario Clausi**, apaixonado pelas Forças Armadas, tinha uma biblioteca militar invejável. Só não

abraçou a Marinha como profissão porque seu avô, conhecedor das tristezas da guerra, não queria que ele seguisse a carreira militar. Jamais poderia imaginar, no entanto, que sua única neta seguiria a carreira das Armas! Foi criada, então, assistindo a desfiles de 7 de setembro, aprendendo e cantando a Canção do Exército, subindo e descendo de carros de combate, em exposições militares; aprendendo a atirar com as armas da família; mas, principalmente, recebendo uma educação extremamente patriota e de retidão, com valores de dignidade, de comprometimento profissional e de honestidade.

Finalmente, casou-se com um Oficial do Exército, o então Major de Infantaria **Itamar Torrezam**, que lhe introduziu ao verdadeiro mundo militar. Com ele viveu no coração da Amazônia, tratou de índios, garimpeiros, teve malária, quase morreu por uma gravidez tubária rota em pleno Forte Príncipe da Beira, nas longínquas fronteiras de Rondônia, usando todo o sistema de evacuação aero-médica para feridos em combate das Forças Armadas, sendo operada (e salva) em Porto Velho. Sentiu na própria pele a importância de haver militares espalhados por todo o Território Nacional, tanto para a manutenção da soberania,

quanto para a ajuda às nossas populações carentes e ribeirinhas. Foi dessa maneira que, em 1996, após oito anos de formação médica como cirurgiã-geral, cardiologista e intensivista, teve a oportunidade de entrar para a carreira, como Aspirante a Oficial. No ano seguinte, realizou a prova para a Escola de Saúde do Exército, sendo aprovada como oficial de carreira em 1997. Foi a concretização de um grande sonho. Assim, reuniu toda uma formação baseada em valores éticos, morais e de bons costumes a um espírito desbravador, que já possuía, fazendo com que se apaixonasse pelo Exército.

Asua turma de 1997, com as primeiras médicas do Exército Brasileiro (EB), foi muito especial, composta por mulheres com a mesma vontade de viver as aventuras e as experiências que somente as Forças Armadas podem proporcionar.

Ao longo de 21 anos de carreira, cumpriu diversas missões. De 1997 a 2003, chefiou a Unidade de Terapia Intensiva e o Serviço de Cardiologia do Hospital Geral de Curitiba (HGeC). Em 2000, integrou a 1ª turma de Medicina Esportiva do Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx) com mulheres. Seu maior orgulho, além de ter concluído o curso classificada em 1º lugar, foi ter feito a travessia da Baía de Guanabara a nado, juntamente com os alunos do Curso de Instrutor de Educação Física. Conseguiu implementar oficialmente, a partir de 2000, a Corrida de Orientação para o segmento feminino nas Forças Armadas e integrou a 1ª equipe feminina da Comissão de Desportos do Exército (CDE) e da Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB), no Campeonato Mundial Militar do *Conseil Internationale des Sports Militaires* (CISM), no ano de 2001, em Beja, Portugal.

A partir daquela meta esportiva alcançada, passou a almejar cursos técnico-profissionais, visando ampliar os conhecimentos científicos e trazê-los para dentro da Força. Foi assim que, de 2004 a 2006, realizou um estágio de pós-graduação em Terapia Intensiva, em Bruxelas, na Bélgica, no Serviço do Professor Doutor **Jean-Louis Vincent**, até hoje considerado um dos melhores do mundo, trazendo para o Brasil a experiência e a tecnologia de última geração nessa área, reconhecida internacionalmente.

Em 2007, cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), onde deu início, com a anuência do comandante, a um importante estudo sobre a Atualização da Medicina Operacional no EB.

Em seguida, integrou dois Contingentes de Missão de Paz da ONU no Haiti, o 9º e o 10º BRABATT (*Brazilian Battalion*), em 2008 e 2009, os últimos antes do terremoto devastador, de 2010. Sempre diz que essa foi a experiência



Tenente-Coronel Carla realizando parto no Haiti.

mais marcante de toda a sua vida, tanto do ponto de vista pessoal como do profissional. Passou um ano vendo crianças morrendo de inanição, abandonadas nas portas dos orfanatos, onde as Irmãs comem somente a cada dois ou três dias, para deixar o alimento para os pequeninos. Viu pessoas sem nada para comer, literalmente, e outras tomando banho na água de esgoto a céu aberto. Viu um país destruído, onde existe a verdadeira luta pela sobrevivência. Viu mães disputando pedaços de pão, como leões, com o gosto de sangue na boca, para alimentar sua família. Viu agressões desumanas entre seres humanos. Trabalhou com eles e por eles. Tratou de crianças agredidas pelos próprios pais, trouxe bebês ao mundo, ajudou a enterrar mortos. No episódio do desabamento da Escola *La Promesse*, em novembro de 2008, onde mais de 90 crianças perderam suas vidas, fez parte de uma equipe que resgatou, com vida, quatro crianças haitianas de 6 e 7 anos. Entretanto, também teve que deixar outras tantas crianças para trás, cujos gritos de socorro no meio da noite escuta até hoje. Infelizmente, nada mais havia a fazer. Salvaram as que puderam ser alcançadas, mas aquelas inatingíveis...

Como esquecer experiências como essas?

Segundo a Tenente-Coronel Carla, o maior ensinamento de todos é o da valorização da vida e da família que possui. Sua expressão profissional máxima é a de saber-se imprescindível num local como aquele, acreditando no trabalho da ONU, no empenho do EB e na luta de todos os países participantes da MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour La Stabilization d'Haiti*) em prol da melhoria da dignidade humana.

Após a volta do Haiti, teve a imensa satisfação de ser aprovada no Concurso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, realizando a 1ª prova aplicada no exterior.

Ao longo de 2009 e 2010, **Carla** serviu no Hospital Central do Exército (HCE), no Rio de Janeiro, onde foi Chefe da Unidade de Cuidados Intermediários da Clínica Médica (UCI-CM) e



Chefe Adjunta da Emergência, empregando os ensinamentos adquiridos na Bélgica, de forma significativa.

Em 2011, fez parte da primeira turma do Curso de Comando e Estado-Maior que incluiu o segmento feminino. Foi um grande desafio integrar a escola de mais alto nível do EB e um orgulho incomensurável concluir o curso em 1º lugar, mais uma vez. Voltou ao HCE em 2012, trabalhando em projetos de várias reformas estruturais, na Assessoria de Planejamento e Gestão.

No biênio 2013-2014, foi nomeada a 1ª instrutora do segmento feminino do Curso de Altos Estudos Militares da ECEME, atuando na Seção de Logística e Mobilização. Novos desafios foram impostos e a importante missão de “Guardiã do Saber” foi cumprida a contento.

Finalmente, atingiu o objetivo de todos os oficiais, sendo nomeada uma das primeiras mulheres a dirigir uma organização militar, o Hospital de Guarnição de João Pessoa (HGuJP), onde se encontra até o presente momento, após uma recondução para o 3º ano de direção. Lá, também, conseguiu realizar seu primeiro curso operacional, o de Adaptação à Caatinga, no qual foi considerada destaque pelos companheiros.

A trajetória tem sido árdua, mas o trabalho desenvolvido, de humanização do atendimento, tem sido muito importante no hospital e tem servido de exemplo para outras organizações militares de saúde.

A Ten Cel **Carla** considera que ser Diretora de uma unidade do Exército é uma grande conquista para as mulheres, principalmente pelo reconhecimento da meritocracia e da competência

demonstrada pelas profissionais do segmento feminino, do qual é apenas uma representante. Três novas diretoras de hospitais acabam de ser nomeadas para o biênio 2018-2019.

As perspectivas futuras abrem dois caminhos: o da Medicina Assistencial, mais valorizada atualmente, por não haver guerra no Brasil há 72 anos e por ser o dia a dia da área da Saúde, em todos os rincões do Brasil; e o da Medicina Operacional, que é o seu verdadeiro farol. Essa poderia ser plenamente realizada, se fosse possível planejar, organizar e executar uma missão de paz da ONU, levando um Hospital de Campanha para uma Missão Conjunta de Saúde entre as três Forças Armadas, em algum país que necessite de ajuda humanitária. É por esse objetivo que a Tenente-Coronel **Carla** passará a lutar, após o término da Direção do HGuJP. Estará, no entanto, sempre pronta a desempenhar quaisquer missões que lhe forem determinadas pelo Comando do EB.

Quanto ao Generalato, as integrantes da turma de 1997 serão as primeiras oficiais que poderão chegar a esse posto, mas a coisa não é tão simples. Há que se considerar vários quesitos, ao longo de toda uma carreira, que em janeiro de 2017 completou 21 anos. É difícil julgar e classificar as atitudes profissionais de toda uma história de vida, mas tudo o que fizerem tem sua pontuação e, a partir disso, é estabelecida uma meritocracia. O mais importante é a consciência de que tem feito o seu melhor. Em todos os casos, e para concluir, **Carla** deixa este provérbio espanhol, que valoriza absurdamente: “*É bem diferente falar sobre touros e estar dentro da arena*”.

2º SARGENTO DE SAÚDE LANE CARLA ALVES DE MATOS

Primeira militar de carreira do segmento feminino a concluir o Curso de Paraquedismo do Exército Brasileiro



Formada no Curso de Formação de Sargentos em 2006, a 2º Sgt Lane é paraquedista de número 73.278, por ter concluído o curso 07/01, primeiro a formar praças femininas de carreira. Há oito anos, serve no Destacamento de Saúde da Brigada Paraquedista, na cidade do Rio de Janeiro.

Para ela, saltar de paraquedas é uma realização pessoal e profissional. Possui um imenso orgulho por ter sido uma das pioneiras, facilitando o caminho para as demais mulheres que também desejam saltar.

“Ingressar nas fileiras do Exército foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido, pois ser militar é mais que uma profissão, é um estilo de vida.”

Costuma dizer que é muito abençoada, porque faz as duas coisas que mais ama: ser da área de saúde, ajudando a salvar vidas; e ser paraquedista, podendo viver uma aventura a cada salto realizado.

Segundo ela, na Brigada Paraquedista o tratamento e a exigência são os mesmos para ambos os sexos, e conclui: *“Não temos a mesma capacidade física do homem, isso seria fisiologicamente impossível, mas temos a mesma garra, coragem, determinação e fibra.”*

